

AMAZONICAS V - Simpósio 2

SINTAXE

organizadores: Simon Overall & Spike Gildea

Predicação não verbal

Nos últimos anos temos visto muitas novas gramáticas de línguas amazônicas, mas poucos tratamentos profundos da gramática da predicação não verbal. Em seu sentido mais básico, predicação não verbal ocorre em uma oração gramatical que não tem verbo. Uma vez que predicação é a função habitual dos verbos, a oração sem verbo é geralmente vista como um tipo de oração menos importante. Como resultado, a tipologia geral da predicação não verbal é menos desenvolvida do que a da predicação verbal, e línguas amazônicas são especialmente mal representadas nesta tipologia (p. ex. Heine 1997, Stassen 1997, Pustet 2003). Neste simpósio, esperamos mostrar que as orações não verbais em línguas amazônicas contem uma variação tipologicamente rica e devem desempenhar um papel mais central na nossa compreensão da gramática da oração principal em geral. Começamos por descrever as dimensões tipológicas relevantes, seguidas de questões diacrônicas internas e externas.

Qualquer tipologia pode ser organizada em categorias estruturais ou funcionais - começaremos por perguntar sobre os subtipos estruturais de predicação não verbal. Dryer (2007: 225) distingue ORAÇÕES NÃO VERBAIS, em que a oração não tem nenhuma cópula (ou então a cópula é não verbal), e PREDICADOS NÃO VERBAIS, onde o núcleo do predicado não é um verbo, mas a oração torna-se verbal por meio da adição de uma cópula verbal. Ele distingue ainda três categorias de predicado não verbal: predicado nominal, predicado adjetival e predicado locativo.

Uma tipologia estrutural levanta questões específicas:

- Quais classes de palavras podem ser o núcleo de predicados não verbais? Os candidatos mais comuns são nomes, adjetivos e advérbios / expressões adverbiais (geralmente SPs).
- Em uma oração não verbal, o predicado permite a expressão de categorias flexionais verbais típicas como tempo, aspecto, etc? Por exemplo, em Yine (Arawak) predicados nominais permitem flexões aspectuais (Hanson 2010); em Kamaiurá (Tupi-Guarani) predicados possessivos são nomes inalienavelmente possuídos que se flexionam como verbos estativos (Seki 2000).
- Quais (se houver) predicados não verbais ocorrem sem cópula? Quais (se houver) predicados não verbais requerem uma cópula? Se houver alternativa, o que condiciona o uso *versus* não-uso da cópula (tempo-aspecto, negação, interrogação, estabilidade temporal, etc)? Por exemplo, predicados nominais em Russo não têm cópula no presente, mas exigem uma cópula no passado (Payne, 1997). Em Aguaruna (Jívaro), predicados nominais requerem uma cópula flexionada para sujeitos no plural, mas permitem um clítico copulativo para sujeitos no singular (Overall 2008). Em Panare (Karib), predicados nominais não têm cópula para sujeitos na primeira e segunda pessoas, mas as requer para sujeitos na terceira pessoa (Gildea 1993).

- Se houver mais de uma cópula, o que condiciona a escolha entre elas? Além das variáveis mencionadas anteriormente, algumas cópulas podem ser específicas para subtipos de predicado não verbal. Por exemplo, *ser* do Espanhol ocorre com predicados nominais enquanto *estar* ocorre com predicados locativos. Em Matsés (Pano), orações de predicado adjetival positivo usam a cópula existencial *ic*, enquanto orações de predicado adjetival negativo usam a cópula equativa *ne* (Fleck, 2003).
- Quão similares são as orações não verbais ou com cópula às típicas orações verbais?
 - Normalmente os sujeitos das orações não verbais seguem o padrão dos sujeitos de orações verbais intransitivas, mas os predicados nominais raramente seguem o padrão dos objetos de orações verbais.
 - Normalmente a cópula é um verbo com todas as propriedades de flexão dos verbos, mas às vezes vem historicamente de outra classe de palavra, e por isso é invariável ou se flexiona para categorias não verbais. As cópulas não verbais do Panare, por exemplo, se flexionam para animacidade e dêixis do sujeito ao invés das categorias verbais de pessoa, número e tempo (Gildea 1993).
 - Às vezes cópulas são reduzidas a um afixo ou clítico, que podem se juntar ao predicado ou ocorrer em uma posição fixa; como por exemplo, o clítico copulativo singular do Aguaruna (Overall 2008).
- Que conjunto de funções é encontrada em cada tipo de predicado não verbal? (cf. seção seguinte)

No que diz respeito à categorização funcional dos predicados não verbais, Payne (1997) e Dixon (2009) sugerem conjuntos semelhantes de categorias (ver tabela 1), cada um enfatizando ainda a sobreposição frequente com outras funções e tipos de oração. Para Payne (1997: 111) são seis tipos: equativo, inclusivo, atributivo, locativo, existencial e possessivo, enquanto que para Dixon (2009: 159) são cinco: identidade, atributo, possessivo, benefactivo e locativo.

| <u>Payne (1997)</u> | <u>Dixon (2009)</u> | <u>Inglês</u> | <u>Espanhol</u> | <u>Português</u> |
|---------------------|---------------------|--------------------------|-----------------------------|-----------------------------|
| Equativo | Identidade | <i>He is my father.</i> | <i>Él es mi padre</i> | <i>Ele é meu pai</i> |
| Inclusivo | | <i>He is a man.</i> | <i>Él es un hombre</i> | <i>Ele é um homem</i> |
| Atributivo | Atributo | <i>He is old.</i> | <i>Él es / está enfermo</i> | <i>Ele é / está enfermo</i> |
| Locativo | Localização | <i>He is here.</i> | <i>Él está aquí</i> | <i>Ele está aqui</i> |
| Existencial | | <i>There are fathers</i> | <i>Hay padres</i> | <i>Têm pais</i> |
| | Benefactivo | <i>This is for John</i> | <i>Este es para Juan</i> | <i>Este é para João</i> |
| Possessivo | Possessivo | <i>I have a father</i> | <i>Tengo mi padre</i> | <i>Tenho meu pai</i> |

Tabela 1. Tipos estruturais de predicados não verbais

Uma tendência comum na Amazônia é que adjetivos nocionais não formam uma classe diferente de palavra (D. Payne 2001, Krasnoukhova 2012). Por isso, enquanto predicados

atributivos podem ser adjetivais, eles também são atestados como verbais, nominais e adverbiais. Apesar de português, inglês, e espanhol usarem um verbo transitivo para predicados possessivos, é comum encontrar a posse sendo expressa por meio de orações com cópula, seja nos moldes do latim *mihi est* ‘para mim é’, do possuído existencial em matsés (1a) ou do advérbio derivado "tendo.N" nas línguas karib, como em tiriyo (1b).

(1a) *cun chompian ic-e-c*
1GEN espingarda ser-NPAS-INDIC
‘Eu tenho uma arma.’ (lit. ‘Minha arma existe’) (Fleck 2003: 969)

(1b) *ti-maja-ke =w-a-e*
T-faca-TER =1SA-COP-CERTEZA
‘eu tenho uma faca.’ (lit. ‘Eu sou tendo-faca / facado’) (Meira 1999: 360)

As questões diacrônicas geralmente levantadas sobre predicados não verbais estão relacionadas às fontes das cópulas e sua disseminação através dos domínios funcionais (e.g. Heine e Kuteva 2002). Uma fonte comum de cópulas verbais são os verbos posicionais / posturais, que começam como predicados locacionais, geralmente mantendo seus significados posicionais. Por exemplo, em sikuani predicados locativos são construídos com uma de quatro raízes posicionais, significando ‘estar sentado’, ‘estar.em.pé’, ‘estar deitado’ e ‘estar pendurado’ (Queixalós 1992). Do mesmo modo, as línguas uto-astecas são conhecidas por fazerem uso de verbos posturais em predicados locativos.

Tais cópulas locativas podem perder sua semântica postural e ser utilizadas para outros tipos de predicados não verbais: *stare* ‘estar.em.pé’ do latim > *estar* em espanhol / português é usado para predicados atributivos (e temporários) e locativos. Em matsés, *tsad* ‘estar sentado’ é usado para ambos predicados locativos e atributivos (Fleck 2003); em wambaya (australiano) *mirra* ‘estar sentado’ também é usado como cópula para predicativos nominais (Dryer 2007: 226). Na maioria das línguas karib, um reflexo moderno do verbo do proto-karib **eti* ‘habitar, viver’ pode ocorrer em todos os tipos de predicados não verbais (por exemplo tiriyo, Meira 1999: 546). Uma fonte comum de cópulas não verbais são pronomes, que ocorrem originalmente em orações não verbais com sujeitos deslocados à esquerda (cf. chinês, Li & Thompson 1977; panare, Gildea 1993).

Têm um segundo tipo de questão diacrônica, com respeito aos caminhos pelos quais as formas verbais não-finitas em predicados ou orações não verbais passam a ser distinções verbais de tempo-aspecto-modo-polaridade das orações principais. Construções de predicados nominais são explorados para criar clivagens, que evoluem para foco e tipos de oração não-marcada. Construções de predicado adjetival utilizam predicados participiais para criar passivas, que se tornam (em geral) orações de tempo passado. Predicados de construções locativas podem levar nominalizações a sintagmas locativos, a fonte mais comum de orações de progressivo. Construções de predicado possessivo requerem participios e tornam-se orações de tempo passado e perfeito. Auxiliares copulativos podem ainda gramaticalizar-se em afixos tempo-aspecto, e quando a cópula é deslocada de sua função na predicação não verbal típica, às vezes deixa uma relíquia em questões *tag*, auxiliares verbais, flexão verbal e marcadores de tópico/foco derivados de antigas construções clivadas.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer Flávia Castro Alves para sua ajuda na tradução do texto para português. Os pepinos linguísticos que sobram são todos culpa nossa.

Referências

- Dixon, R.M.W. 2009. *Basic Linguistic Theory: Vol 2*. Oxford University Press.
- Dryer, Matthew. 2007. Clause Types. *Language Typology and Syntactic Description*, v. 2 (2nd edition), ed by Timothy Shopen, 224-75. Cambridge: Cambridge University Press.
- Fleck, David. 2003. *A grammar of Matses (Panoan)*. Houston: Rice University PhD dissertation.
- Gildea, Spike. 1993. The development of tense markers from demonstrative pronouns in Panare (Cariban). *Studies in Language* 17.53-73.
- Hanson, Rebecca. 2010. *A Grammar of Yine (Piro)*. Melbourne: RCLT, La Trobe University PhD dissertation.
- Heine, Bernd. 1997. *Possession: cognitive sources, forces, and grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press
- Heine, Bernd & Tania Kuteva. 2002. *World Lexicon of Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Krasnoukhova, Olga. 2012. *The Noun Phrase in the Languages of South America*. Utrecht: LOT.
- Li, Charles & Sandra Thompson. 1977. A mechanism for the development of copula morphemes. *Mechanisms of Syntactic Change*, ed. by Charles Li, pp. 419-45. Austin: University of Texas Press.
- Meira, Sérgio. 1999. A grammar of Tiriyó. Houston: Rice University Ph.D. dissertation.
- Overall, Simon. 2008. *A Grammar of Aguaruna*. Melbourne: RCLT, La Trobe University PhD Dissertation.
- Payne, Doris L. 2001. Review of Dixon and Aikhenvald (1999) "The Amazonian Languages". *Language*. 77(3): 594-98.
- Payne, Thomas E. 1997. *Describing Morphosyntax*. Cambridge University Press.
- Pustet, Regina. 2003. *Copulas: Universals in the categorization of the lexicon*. Oxford: Oxford University Press.
- Queixalós, F. 1992. *Lenguas Aborígenes de Colombia: Memorias*, ed. by Tulio Rojas Curieux, pp. 185-97. Bogotá: Universidad de los Andes.
- Seki, Lucy. 2000. *Gramática do kamaiurá: Língua tupi-guarani do Alto Xingu*. Campinas: Editora UNICAMP.
- Stassen, Leon 1997. *Intransitive Predication*. Oxford: OUP.

Instruções para submissão de resumos

| | |
|------------------------------|------------------------------------|
| Resumos (excl. referências): | entre 200 e 400 palavras |
| Formatação (Word e PDF): | Times New Roman 12, espaço simples |
| Língua: | Português ou Espanhol ou Inglês |
| Prazo de submissão: | 01 de dezembro 2013 |
| Notificação de aceitação: | 15 de dezembro 2013 |

O resumo deve ser submetido como anexo anônimo de email, para:
amazonicas.sintaxe@gmail.com

No email encaminhando o resumo deve ser especificado o título da apresentação, além do nome e a instituição do autor.